COMPLETA-SE AMANHÃ UM SÉCULO SOBRE A MORTE DE JOSÉ ESTÊVÃO

Aveiro, 3 de Novembro de 1962 * Ano IX * N.º 419

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

JOSÉ ESTÊVÃO — *Retrato pertencente ao Liceu de Aveiro. Óleo de* JOSÉ MARIA SALES

Um artigo de **EDUARDO CERQUEIRA**

JOSÉ ESTÊVÃO e ALBERTO SOUTO

A proximidade de duas datas, a dos aniversários das mortes de José Estêvão e de Alberto Souto, naturalmente me reuniram no pensamento os dois nomes e as duas figuras, em tudo o que os assemelhe e os diferencie. Especialmente me ocorreram os artigos que há poucos anos o segundo daqueles insignes aveirenses nestas colunas escreveu sobre a fase em que o grande lutador e tribuno apoiou a obra de fomento da chamada regeneração.

«As ideias, dizia José Estêvão, tendem por si mesmas a tornarem-se em coisas. Ainda não houve no mundo uma só crença viva aceite pela sociedade que não deixasse de si vestígios materiais, que não se simbolizasse em proporções e formas adequadas ao seu poder e natureza». E, noutro passo do mesmo escrito, interrogava: «Só à geração actual hão-de falecer recursos e vigor para executar as obras que o século tem talhado para todos os povos? Só ela há-de deixar uma afrontosa lacuna no progresso nacional? Só na nossa terra não hão-de entrar os raios da luz civilizadora? Só nós havemos de ficar privados dos que, tanto como os demais povos, compreendemos e merecemos? Indigno-me contra esta fatalidade; não me curvo a ela, não a reconheço. Desadoro os que se lhe submetem, e os que a fomentam». Campeão do progresso material, o caudilho das liberdades populares, não abdicava, porém, dos princípios, e apenas preconizava que os partidos deixassem de cuidar, como até aí, de ministrar às povoações o pão do espírito, para também lhes ministrar o pão para a boca. Fizessem-se eles os dispenseiros dos benefícios sociais e não temessem os inimigos da liberdade, que «ùltimamente tinham proposto aos povos a venda do espírito a troco de mimos corporais» — tendo alguns povos aceitado «esse infame câmbio».

Alberto Souto, na linha que traçara desde o início da terceira década deste século — e que, aliás, não vinha senão reiterar as bases em que assentava a sua propaganda republicana, as suas esperan-

Continua na página 3

INVERNO PRECOCE

Excerto de um inédito de ALBERTO SOUTO

— não datado, mas escrito, sem dúvida, em plena mocidade do seu autor

Ai o inverno!... eu pressinto o inverno! e todo eu tremo só de o adivinhar! e o inverno é temeroso e fatal para todos os que trazem dentro de si um germen de morte.

A este languescer da vida resiste o sangue quente e novo, resistem as almas robustas e animadas por um sopro de esperança. Mas quem um dia sofreu, jamais no tempo triste em que as aves emudecem deixou de sofrer.

Sinto tanto o império das estações, de tal forma o tempo modaliza a minha sensibilidade, que não há no céu, ao chegar do inverno, nuvem alguma que não venha projectar sobre mim uma sombra amarga.

Ah! que se eu tivesse asas! se eu tivesse asas, fugia como os rouxinóis e as andorinhas!...

O inverno começou agora, o inverno deste ano, mais um inverno, talvez o meu último inverno!

Que tormentas se têm desatado desses céus pesados, revoltos, enegrecidos!

As árvores gemem. Os pinheirais sussuram medonhamente, lùgubremente, como multidões aterradas e lacrimosas. As folhas amarelecidas vão arrastadas em redemoinhos doidos.

Prematuramente as árvores se desnudam e cadaverizam.

Prematuramente as aves marinhas, tristes, piando ou grasnando, passam em longas filas a caminho da terra.

Prematuramente o mar ruge cavo e sinistro como nos dias trágicos de Dezembro.

Prematuramente as lareiras se cercam dos cepos e ramos secos com que se alumiam os cantos avoengos e as lendas dos serões.

Prematuramente as levadas trasbordam e as enxurradas escavam as terras.

Prematuramente o meu fim se avizinha como este inverno: tenho a impressão de que fui condenada e me aguarda o cadafalso...

Ah! se eu tivesse asas!...

Continua na página 4

UMA CARTA

Ex.mo Senhor Director do «Litoral»

Embora nos seja particularmente difícil, há um imperativo de gratidão que nos obriga a dirigir esta carta ao jornal que V. Ex.ª tão inteligentemente dirige.

É que, neste momento, para além do reconhecimento que devemos à amabilíssima, desinteressada e até espinhosa forma como o «Litoral» sempre abriu as suas páginas aos artigos de nosso saudoso Pai, à justiça que nunca lhe regateou, às homenagens que tão calorosamente lhe prestou e continua a prestar, para além dessa atitude que fundo tem calado no nosso coração, dizíamos, têm-se somado motivos que nos impunham umas linhas. Passado um ano sobre a dolorosa data de 23 de Outubro de 1961, o «Litoral» veio a público, trazendo ao vazio que nos vai na alma o conforto duma certeza: a de que o nosso luto e a nossa dor não estão sós. É que não foi só a Direcção do jornal que lembrou Alberto Souto, dedicando à sua memória o seu último número. Foram os velhos, sinceros e queridos

Continua na página 5

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE JOSÉ ESTÊVÃO

Hoje, *às 14 h.*, romagem ao Cemitério Central. O cortejo parte do Largo do Mercado. Na Praça da República, discurso pelo Dr. Vale Guimarães e descerramento de uma lápide, junto ao monumento, oferecida pela Câmara. *Às 17.30 h.* — Inauguração da iluminação da estátua. *Às 19 h.* — Missa de sufrágio, na Sé catedral. **Amanhã, 4,** *às 11.30 h.* — Abertura, no Museu, da Exposição bio-biblio-iconográfica. *Às 15 h.* — Sessão solene no Teatro Aveirense.

No Mundo do Progresso, da Ciência e da Técnica

Continuação da última página

papel do especializado, do habilidoso, do artesão. O desenvolvimento técnico apenas opera, nuns e noutros, a renovação de uma condição.

Na evidência de uma simples observação verificamos que as máquinas exigem assistência e reparações, ou seja, exigem operários aptos a assistir-lhes e a repará-las, da mesma maneira que os exigiu para serem construídas. Toda a gama da electrónica, tal como todo o processamento e acção dos maquinismos, simples ou de conjunto, sujeitos a permanentes aperfeiçoamentos e substituições, necessitam de técnicos, isto é, de equipos de instaladores, de observadores, de operadores... de todo um mundo de utilizações técnicas, comandadas pelo homem, cada vez mais vastas e numerosas, numa amplitude indeterminável e incomensurável. Renovou-se assim, e apenas, uma condição de actividade.

Através desta contingência e como cororário do exposto, também podemos deduzir que o aceleramento da automatização não pode considerar-se como sendo uma vitória da máquina sobre o homem. O seu insuficiente desenvolvimento é que poderia ocasionar essa vitória.

Sem dúvida que, no somatório do crescimento técnico, certas actividades terão que desaparecer; mas isso não significa que fiquem na sociedade espaços vazios, a arrenegarem o progresso e a máquina que, funcionalmente, os tomou para si em detrimento de umas tantas pessoas que neles actuavam e deles viviam. A comprovar o acerto da afirmação podemos citar, como exemplo, o artesanato artístico, que tem tantas mais probabilidades de progressão e aperfeiçoamento quanto mais se multiplicam as possibilidades da ociosidade, que são as possibilidades de se dispor de mais tempo, de mais vagar, para conceber, produzir e adquirir. E na mesma causa podemos incluir muitos outros ofícios de carácter essencialmente individual, dependentes da habilidade nata dos indivíduos, criadores de beleza e maravilhas, que mais se poderão valorizar com a polivalência do saber e com a utilização possível do moderno, dando aso a que os ditos espaços vazios, subordinados à lei natural das mutações, se transfiram para outros ambientes, substituindo aqueles com vantagem perante as novas e futuras condições de vida das pessoas.

M. Lopes Rodrigues

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª publicação

Pelo 1.º Juizo de Direito da comarca de Aveiro e 2.ª secção de processos, correm seus termos uns autos de execução de sentença, que o *Banco Nacional Ultramarino*, filial de *Aveiro*, move contra os executados *António Ferreira de Pinho*, industrial, e mulher, *Rosalina Marques Gonçalves*, doméstica, residentes em Esgueira, e, nos mesmos autos, foi marcado o dia 13 de Novembro, por 11 horas, à porta do edifício do Palácio da Justiça, para arrematação em 1.ª praça dos seguintes:

Bens

Casa de habitição e terreno, no lugar de Caião, freguesia de Esgueira, a confrontar do norte com António Marques da Cunha, sul com João Francisco Neto Júnior, nascente com caminho e poente com Emília Neto, inscrita na matriz urbana da respectiva freguesia sob o art.º 1334.º e descrita na conservatória do Registo Predial sob o n.º 44590, fls. 197 v do L.º B-106.º, que será entregue pela maior oferta conseguida acima do seu valor matricial de 10 368$00;

O Direito e Acção que os ditos executados têm na herança indivisa de seus pai e sogro respectivamente, Domingos Gomes Bispo, que é composta de vários imobiliários, que será entregue pela maior oferta que se conseguir acima de 17 500$00.

Aveiro, 25 de Outubro de 1962.

O Escrivão de Direito,

João Alves

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Vila Nova

Litoral * N.º 419-Aveiro, 3-11-1962

Crónicas Alegres

Continuação da última página

Estimaríamos que nenhum destes preclaros idiotas se lembrasse um dia, também, de berrar ao microfone: «Inventem mais adjectivos para Fulano!». Ninguém se convence de que a bem apetrechada língua pátria, bastante para as exigências dos Vieiras e dos Bernardes, dos Camilos e dos Eças, dos Migueis e dos Aquilinos, poderia eventualmente fraquejar perante a necessidade de definir o maior de todos os homens ou a mais bela de todas as Coisas. Por outro lado, supomos justificadamente que o fulano-a-adjectivar não haveria de ser um grande da Ciência, um prócere das Artes, qualquer benfeitor insigne desta pobre Humanidade atormentada. Porque, quando a algum desses se referem, sempre os alinhavadores de mitos se mostram económicos e austeros, gastando um mínimo de palavras e recitando-as num comedido tom de voz.

Cuidado, senhores filólogos da terra de Camões! Já temos assistido a inacreditáveis sucessos, entre os quais é de liminar justiça destacarmos os consabidos fenómenos do Entroncamento e o milagre dum jovem imberbe falar na TV de política internacional. Mas desgostar-nos-ia muito que os mestres do Idioma, solicitados a preceito por um dos príncipes da nossa Rádio, tivessem a certa altura de pesquisar adjectivos para algum espécime duvidosamente raro — desses a que o Zé da Esquina costuma muito simplesmente chamar, com encantadora propriedade e notável espírito de síntese, «uma besta»...

Jorge Mendes Leal

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

Faz-se saber que pelo 2.º Juízo de Direito desta comarca de Aveiro, 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial, nos autos de execução de sentença que Manuel Maria Rodrigues da Paula, casado, industrial, residente em Aveiro, move aos executados firma Pereira & Santos, Limitada, com sede na Rua de Agostinho Pinheiro, de Aveiro, José Pereira dos Santos, casado, comerciante, e sua mulher Maria Cândida Amaro, doméstica, residentes na Rua de Cândido dos Reis, em Aveiro, e Altino Dias Pereira, comerciante, e sua mulher, Maria Andrade Simões Pereira, doméstica, moradores na Rua das Barcas, desta cidade, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação deste, citando os credores desconhecidos dos executados para, no prazo de dez dias, decorrido o dos éditos, virem aos referidos autos de execução deduzir os seus direitos, querendo.

Aveiro, 12 de Outubro de 1962.

O Juiz de Direito,

Francisco Xavier de Morais Sarmento

O Chefe da Secção,

Américo Casquilho de Faria

Litoral * N.º 419-Aveiro, 3-11-1962

Serviços Municipalizados de Aveiro

Aviso

Para os devidos efeitos se faz público que foram as seguintes as classificações atribuídas aos candidatos que prestaram provas para o lugar de desenhador de 3.ª classe, cujo concurso foi aberto por aviso publicado no Diário do Governo n.º 152, 3.ª série, de 29 de Junho último:

Carlos Fernando Teixeira Ferreira — 18 valores.

Carlos Armando de Carvalho Picado — 13 valores.

Os dois restantes candidatos desistiram no decurso das provas. O Conselho de Administração, em reunião de 25 de Outubro corrente, deliberou contratar para o referido lugar o candidato Carlos Fernando Teixeira Ferreira.

Serviços Municipalizados de Aveiro, 29 de Outubro de 1962

O Presidente do Conselho de Administração,

a) José Ferreira Pinto Basto

Aceita-se Aterro

— num terreno sito no Viso, Esgueira, junto à loja do sr. Cardoso.

JOSÉ ESTÊVÃO e ALBERTO SOUTO

Continuação da primeira página

ças de realizações do novo regime, a defesa da sua candidatura às Constituintes — apontava aquele período da vida pública do seu egrégio patrício, para demonstrar como ele entendia os seus deveres patrióticos, a sua missão num período de incredulidade, a solidez do seu pensamento, o rigor da sua lógica, e como o orador não era apenas um artista excepcional da palavra, mas um homem com as práticas capacidades governativas.

O fomento, a riqueza pública, em ambos tiveram defensores convictos e entusiastas. O primeiro, antes que as desilusões excedessem a sua transigência e o seu permanente desejo de concórdia — porque sempre procurou congraçar esse lutador impenitente — afastou-se na oportunidade que escolheu; o segundo, sacrificando um pendor tão caro ao seu espírito, a outros desinteressados anseios, longamente acalentados, sofreu a grande decepção do seu fim de vida.

Tenho presente uma carta sua de há quarenta anos — o desabafo de um doente que tinha gasto e malbaratado muita da saúde em favor de Aveiro:

«Dei o meu concurso, o meu esforço, a minha fé. Como bom republicano, não dos que se dizem, mas daqueles que o são pelas obras, contribuí com tudo quanto pude»...

Nessa extensa carta ao amigo que foi o seu testamenteiro popular — o típico e arreigadamente aveirense João Gamelas — abordando, aliás, alguns problemas de âmbito nacional, dá todo um grande plano de realizações, esse mesmo plano que inspirou a Aliança Regionalista e em volta dela pareceu, num momento, congregar todas as correntes de opinião e todas as facções políticas. «E eu — dizia — e todos os que andávamos ali de boa fé, com sacrifício e tanto entusiasmo bairrista, que aspirávamos a fazer sob a égide da República uma obra que brilhasse, que falasse, que se impusesse a todas, que calasse para sempre os monárquicos, que servisse de exemplo a Portugal inteiro, que se pudesse mostrar aos estrangeiros, que fosse uma fonte de bem-estar para a geração futura», foram abandonados. «Iludidos na sua ingenuidade os meus companheiros de ideal deixaram-me /.../ E fui insultado, caluniado, injuriado, ameaçado de morte»... Também José Estêvão, na derradeira eleição que disputou, contou com a admiração e reconhecimento dos seus conterrâneos, e estes num gesto de ingratidão — que ainda agora nos pesa na nossa consciência colectiva de aveirenses — abandonaram-no, dando a glória a Ílhavo e, sobretudo, a Vagos de lhe assegurarem a eleição.

Mantendo-a fielmente até ao fim da vida, Alberto Souto dedicou a José Estêvão uma admiração constante. Intérprete e expoente dos sentimentos da comunidade aveirense através de mais de meio século de vida pública, manifestou no seu e no nosso nome o militante culto pelo mais insigne e representativo dos grandes vultos de Aveiro, em inúmeros ensejos. Exaltou a figura do orador, do caudilho liberal, do defensor extremo e incorruptível das regalias populares, do mais prestimoso dos filhos desta terra, desde a mocidade. Apontou-o como símbolo de virtudes, como campeão de nobres ideais, generoso, intrépido, capaz dos maiores sacrifícios e heroísmos, isento e abnegado, desde que, moço de menos de vinte anos, foi atraído pela acção política.

Já em 1907, no «Distrito de Aveiro» — que José Estêvão fundara — preconiza a criação de um centro de estudos livres, liberal, democrático, onde se agrupassem todos, sem distinção de classes — «uma missão de propaganda dos grandes ideais, que procuraria interessar o povo nas questões palpitantes da actualidade». Esse centro popular de cultura, a criar numa cidadezinha que vivia no marasmo, e onde apenas o Clube dos Galitos promovera, durante todo o ano anterior, uma conferência sobre lirismo, seria colocado sob a égide do arrebatador tribuno.

«Sob este programa, — escrevia — tínhamos para ele um patrono, um nome que só por si bastaria para lhe dar nome — José Estêvão. E desde já o centro trataria de fazer a propaganda das festas do primeiro centenário do nosso grande conterrâneo». Aliás, quantas belas iniciativas, dignas de melhor sorte, desse sonhador de sonhos realizáveis que era Alberto Souto, se perderam na indiferença e na inércia dos que deviam secundá-lo!

Menos de dois anos volvidos, nas colunas de «O Democrata» voltava, bem como no «Norte», a lembrar a aproximação do centenário e o que ele significava, especialmente em Aveiro.

Em 13 de Março de 1909, sucedendo a Jaime de Magalhães Lima, na série de conferências promovidas pela Associação Comercial e Industrial, como preparação do ambiente para as celebrações, e que prosseguiria com dois apreciados trabalhos do Dr. Joaquim de Melo Freitas, Alberto Souto proferiu uma memorável oração sobre o pensamento e a acção política de José Estêvão, e que constituiu um dos primeiros grandes triunfos da sua carreira de homem público e de grande artista da palavra.

Nela focou com relevo e agudeza o carácter e espírito de tolerância do egrégio aveirense, a sua independência — «José Estêvão teve um partido, que foi o da democracia e o da liberdade, e, servindo o progresso e a civilização do seu país, sempre defendeu aqueles ideais com abnegação e entusiasmo»; traçou um concludente bosquejo da sua acção parlamentar e das lutas travadas pelos seus ideais inabaláveis, a sua atitude quando da suspensão de garantias em 1840, a sua defesa calorosa do sufrágio universal; seguiu-lhe os passos mais significativos, e acentuou: «— Carreira, amores, juventude, e vida tudo ofereceu e pôs na arca dos seus sonhos de liberdade e das suas aspirações de justiça».

A seguir à descrição dos feitos militares de José Estêvão, na Ladeira da Velha, na Flecha dos Mortos, na Serra do Pilar, e das agruras do exílio e acrescenta: — «Depois ergue-se eminente nas lutas da urna e da tribuna, educando o povo na prática do civismo. Nada o intimida, nem o fracasso o desfalece. Arde-lhe no peito a chama do amor da democracia, da liberdade e da Pátria, e esse é o calor do seu sangue, a força do seu braço, a magia da sua voz».

As últimas palavras da conferência, que empolgou o auditório, apetece repeti-las neste outro centenário que agora celebramos, passados cinquenta e três anos:

— «Queria eu que o centenário desse vulto gigante servisse a erguer-se-lhe um monumento na alma nacional, pois no bronze e no mármore já a sua memória está imortalizada.

«O meu desejo intenso, o meu vivo desejo era que, assim, todos nós e as novas gerações, ao passarmos por essa estátua, pudessemos dizer-lhe num impulso de alma sincero e profundo: — Mármore e bronze que afrontais os séculos, velho na velhice, eterno na eternidade, não és mais firme nem mais eloquente que o monumento de veneração e fé que esse homem tem no nosso coração.»

Poderíamos citar muitos outros artigos de Alberto Souto, sobre aquele a quem os contemporâneos chamavam o «Deus da Palavra» e não só no semanário a que fizemos a última alusão, e do qual merece especial realce o que escreveu para o número consagrado ao centenário do nascimento. — «José Estevão tornou-se notável como orador e orador extraordinário foi; mas um orador só consegue tornar-se simbólico para a prosteridade quando o seu verbo genial traz em si a força dos grandes ideais» — escreve aí, onde também oportuna e lùcidamente observa:

— «Se o povo de Aveiro sublimasse a memória de José Estevão simplesmente atendendo aos materiais benefícios que ele lhe conseguiu, desprezando a acção política e social, avançada e brilhante, que em sua época exerceu, esquecendo a sua

Conclui na página cinco

DR. ALBERTO SOUTO — RETRATO DE HENRIQUE RAMOS

INVERNO PRECOCE

Continuação da primeira página

fugia como os rouxinóis e as andorinhas!

Ai! o frio que faz, a água que cai, o vento que assobia!

O mar brama, o mar troa, o mar ameaça. Parece que quer comer a terra. Parece que trás lá dentro o fragor de mil esquadras bombardeando em batalhas decisivas!

Todo eu tremo quando assim o ouço.

Ensinaram-me em pequenino a rezar pelos mareantes — pelos que andam sobre as águas do mar, para que Deus os traga a porto de salvamento, Padre Nosso e Avé-Maria!...

Quantas lágrimas custará a tempestade que aí anda?! quantos lutos, quanta viuvez, quanta orfandade?!

Aí vão mulheres de Ílhavo, já alanceadas. Vêm das feiras transidas e apreensivas, nem tagarelam, nem maldizem das vizinhas. Vão a rezar ao seu Senhor Jesus... uma esmola para a festa, azeite para o alumiar... Padre Nosso e Avé-Maria!

O frio que faz!

Serguilhas rotinhas a agasalharem os pobres. Mantilhetas esburacadas a cobrirem corpinhos franzinos de crianças. Buréis tão velhos a resguardarem dorsos corcovados de velhinhos!

Pequenitos esfomeados, tiritantes, escorrendo das chuvadas, apanhando lenha pelos valados. Esfarrapando as mãozinhas tenras nos espinhos dos silvados, enterrando na lama escorregadia e negra, os pés de meninos-deuses!

Mendigos de barbas brancas, vindos de longe, enormes cabelos, nodosos bordões, comidos dos caminhos, fustigados da invernia, pedindo pousada.

E a chuva a cair, persistente e inclemente, o vento a uivar, os beirais a vomitarem torrentes, o frio a trespassar as carnes!

Que horror, que pavor!

E que fria deve ser a terra dos cemitérios!...

Percebo agora por que é que os ricos querem os seus cadáveres metidos nos gavetões dos jazigos...

O frio do inverno e o frio da morte sob a terra encharcada, entre cadáveres, ossos, cinzas, vermes, era um horror!

E a chuva a psalmodear misereres nas pedras das sepulturas, o vento a assobiar *dies iræ* nas cruzes e nos ciprestes!...

Inverno precoce! Sinto-o na minha alma, farta de amar e de sofrer. Farta de ilusões e de maldades, de ingratidões e de injustiças.

Dilaceraram-me o coração as paixões, os ciúmes, os amores.

Para que amou este coração?

Para que ansiou esta minha alma?

Para que arquitectou idealismos este meu espírito?

Para que senti? para que pensei? para que descri?

Caiem na minha alma os primeiros farrapos de neve. Tão cedo!

Inverno precoce, levas-me a alegria.

Inverno precoce, levas-me a fé!

Inverno precoce, levas-me a mocidade e a vida!

Lume da lareira — aquece-me, fogo do carinho, do compaixão ou do amor — salva-me; luz duma fé — ilumina-me!

Mas quem ouve as minhas orações e os meus rogos?

Alberto Souto

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 22 de Outubro procedente de Vigo, entrou a barra o iate de recreio polaco, *Hermes II*, que, no dia 23, saiu com destino a Lisboa.

A CIDADE

Foi lançado à água o arrastão de pesca costeiro «Henrique Manuel Vilarinho»

Com as cerimónias habituais e com a assistência do sr. Comandante Pires Cabral, Capitão do Porto, representantes da Junta Autónoma do Porto de Aveiro e outras entidades, realizou-se, no último sábado, nos Estaleiros Manuel Maria Mónica, na Gafanha da Nazaré, a cerimónia de lançamento à água do novo arrastão de pesca costeiro «Henrique Manuel Vilarinho», ali mandado construir para a firma armadora João Maria Vilarinho, Sucrs., L.da.

A nova unidade, que tem capacidade para 110 metros cúbicos de peixe, para 35000 litros de gasóleo e tanques de água doce de 3500 litros, tem 32 metros de comprimento, 6,80 de boca e 3,37 de pontal, e é equipada com um motor de propulsão de 660 CV., com hélice de pás reversíveis, sendo a terceira deste tipo construída naqueles estaleiros. O novo arrastão poderá dar uma velocidade de 12 milhas horárias e possui alojamentos próprios para capitão, mestre, 1.º e 2.º motoristas, contra-mestre e mestre de redes, e instalações confortáveis para a restante tripulação, está equipado com um guincho hidráulico de baixa pressão e dispõe de duas modernas sondas electrónicas.

A preceder o «bota-abaixo», que deu motivo às costumadas esteriorizações de regozijo, o gerente dos Estaleiros, sr. Arménio Bolais Mónica, pronunciou algumas palavras enaltecendo a iniciativa da firma armadora, que, assim, dá mais uma valiosa colaboração à economia nacional, e a acção aos organismos de pesca, sob a orientação do sr. Contra-almirante Henrique Tenreiro; e assinalou o que os Estaleiros ficaram devendo ao sr. Almirante Américo Tomás, quando Ministro da Marinha, e devem também ao actual titular daquela pasta.

ARCA de Antiguidades

Secção organizada pelo DR. HUMBERTO LEITÃO

Como achega às actuais comemorações, achamos interessante arquivar na Arca o programa das festas da inauguração da estátua de José Estêvão:

Programa Geral dos Festejos na INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO levantado nesta Cidade A' MEMÓRIA DO GRANDE TRIBUNO JOSÉ ESTÊVÃO COELHO DE MAGALHÃES, nos dias 11, 12 e 13 de Agosto de 1889

Dia 11

10 horas — Um bodo a 400 pobres da Cidade, servido no átrio do Liceu, com a presença de 3 bandas de música.

11 horas — Inauguração da lápide comemorativa, na casa em que nasceu o orador, na Rua de José Estêvão.

Em seguida, a Câmara e a Comissão dos Festejos vão ao cemitério depor, em nome da Cidade, uma coroa sobre o túmulo do tribuno, após o que irão cumprimentar a Família de José Estêvão.

16 horas — Tourada, na Praça do Campo de S. João.

À noite — a) Iluminações no Largo Municipal
b) Sarau Literário no Teatro Aveirense

Dia 12

Alvorada, por diferentes bandas de música.

11 horas — Cortejo cívico que formará nas imediações da estação do caminho de ferro e virá ao Largo Municipal assistir à inauguração do monumento. Carros alegóricos: Bombeiros Voluntários, Comércio e Indústria, Artes, Marinha e Pesca.

12 horas — Jantar aos presos, oferecido pelas tricanas de Aveiro.

16 horas — Tourada, na Praça do Campo de S. João.

18 horas — Jantar oferecido pelo Sr. Dr. Barbosa de Magalhães, Presidente da Comissão Executiva da Junta Geral, às duas comissões parlamentares que vêm assistir aos festejos.

De tarde e à noite — Bailes populares no Largo do Rossio.

À noite — Iluminação geral na Cidade e no canal que a divide.

Dia 13

10 horas — Passeio fluvial à Barra, em barcos preparados e vistosamente adornados, oferecido pela Grande Comissão dos Festejos a todas as corporações e pessoas convidadas a assistirem à inauguração.

À noite — Iluminações do Largo Municipal e Fábrica de Louça da Fonte Nova.

— Coroação do busto de José Estêvão.

— Récita por distintos amadores, no Teatro Aveirense.

Notas

O cortejo deverá formar-se na estrada que liga o Largo da Estação à Rua do Visconde de S. Januário, seguindo depois pela Rua do Gravito, Vera-Cruz, Rua de José Estêvão, Avenida Bento de Moura, Praça do Comércio, Travessa da Praça, Alfena, Rua da Rainha, Rua de Fontes Pereira de Melo, Ponte da Praça, Rua de Francisco Matoso, Rua de José Luciano de Castro, Arrochela, Arribas, Sé, Jardim, Rua de Anselmo Braamcamp e Largo Municipal.

O préstito formar-se-á às 11 horas, em ponto. Às 11.30, ocupando todas as corporações os seus lugares, será içada, como sinal de prevenção, uma bandeira branca no mastro do Quartel do Príncipe D. Carlos. Ao meio-dia será feito sinal de desfilar, por meio de uma girândola de 500 foguetes.

Por decreto real os dias 12 e 13 foram considerados feriados.

A C. M. A. contratou a decoração e iluminação do Largo Municipal e dos Paços do Concelho com o distinto ornamentista portuense José Maria de Matos, e com uma casa de Lisboa a iluminação da estátua por um foco de luz eléctrica.

O edifício do Grémio foi iluminado por um novo sistema, substituindo os vidros das janelas por magníficos vitraux, *mandados vir expressamente da Alemanha.*

A popular Companhia Dramática de Joseph Dalot veio a esta Cidade dar espectáculos, por ocasião dos festejos, num barracão no Rossio.

Natal dos Soldados Aveirenses no Norte de Angola

Continuam a receber-se na Rua do Dr. Nascimento Leitão, n.º 4, e na Redacção do *Litoral*, as lembranças (em roupas, conservas, doces e frutas secas, tabaco, brinquedos ou dinheiro) com que a generosidade dos nossos leitores pretenda contribuir para a celebração do Natal dos indígenas do Distrito do Uíge, no Norte de Angola, e dos soldados do Distrito de Aveiro que ali se encontram a defender a soberania de Portugal.

Pedem-nos que comuniquemos aos que se disponham a auxiliar esta louvável iniciativa que deverão entregar sem demora as suas lembranças, pois terão de ser convenientemente acondicionadas e remetidas à Cruz Vermelha Portuguesa, por forma a estarem em Lisboa no dia 10 do corrente, a fim de poderem seguir num navio que sairá do Tejo poucos dias depois.

O *Litoral* dará oportunamente conta das lembranças recebidas.

Casa do Povo de Esgueira

Assinalando a passagem do seu 20.º aniversário, a Casa do Povo de Esgueira elaborou um festivo programa de comemorações, que terá o seu início na próxima quinta-feira e comporta os seguintes números:

Dia 8 — *A's 20 horas* — Inauguração de novos sanitários e balneários. *A's 21.30 horas* — Abertura aos sócios da nova Biblioteca. *A's 22 horas* — Torneio de Ping-Pong inter-sócios.

Dia 9 — *A's 21.30 horas* — Sessão solene, a que presidirá o Delegado em Aveiro do I. N. T. P. e em que usará da palavra o sr. Dr. Manuel Granjeia.

Dia 10 — *A's 21.30 horas* — Sessão de Cinema, organizada pela Delegação de Coimbra da F. N. A. T., com a exibição de um filme português.

Dia 11 — *A's 11 horas* — Missa, na igreja paroquial, por alma dos sócios e dirigentes falecidos. *A's 10.30 horas* — Jogo de basquetebol Esgueira - Sangalhos. *A's 12 horas* — Distribuição de sopa e pão aos sócios necessitados. *A's 12.30 horas* — Largada de pombos-correios. *A's 15 horas* — Provas desportivas, na Alameda 31 de Janeiro. *A's 21.30 horas* — «Soirée Dançante».

Grave Acidente de Viação

No cruzamento da Estrada Nacional com a Rua do General Costa Cascais, em Esgueira, ocorreu há dias um grave e espectacular acidente de viação.

Montando numa motorizada, o padeiro Manuel Branco de Oliveira de 21 anos, residente no Solposto, transportava no mesmo veículo a sua namorada, menina Maria Teresa Cunha Loura, de 17 anos, e ainda Filomena Simões Lopes, de 6 anos — ambas residentes em Esgueira. Vinda do Porto, surgiu uma furgoneta conduzida pelo gerente comercial sr. José Carlos Moreira da Silva, residente naquela cidade — o que atrapalhou o ciclomotorista, que, perdendo a calma e o domínio da sua motorizada, foi embater na furgoneta, com violência.

Do choque resoltou que a pequenita Filomena ficou com as pernas partidas; a Maria Teresa apresentou-se com fractura do ombro e do braço esquerdo; e, finalmente, o Manuel Oliveira sofreu fracturas da bacia e da perna direita — peloque todos ficaram internados no Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

O motorista da furgoneta, que nada sofreu, foi ilibado de qualquer culpa.

UMA CARTA

Continuação da primeira página

amigos que espontâneamente vieram trazer às suas páginas o testemunho de que o lembraram sentidamente; foram aqueles que o lendo vieram até nós com uma palavra, um telefonema, uma presença, uma flor na sua campa.

E foram também aqueles com quem cruzámos na rua, que nada nos disseram, mas que nos disseram muito na linguagem dum olhar amigo.

Para o Litoral *e para o bom povo de Aveiro, vai a expressão do nosso maior reconhecimento. Para o povo simples que nos perdoe o* Litoral *a franqueza — o reconhecimento é maior ainda porque se muito nos interessa qualquer homenagem prestada a nosso Pai, não menos nos importa o ter sido lembrado pelos seus conterrâneos, porque verificamos que não foi em vão que ele se deu à sua terra. Ela mereceu tudo, porque sabe guardar no coração, para além da morte, os filhos que a ela se deram com religioso amor. Para todos os que nos acompanharam nesta data, dedicando a nosso Pai um pensamento e lembrando o seu Aveirismo, fica a mais expressiva gratidão*

DAS FILHAS

Venda em…ta Pública

No dia … Novembro, no lugar d…ta do Gato — Sol Po…roceder-se-á à venda da… quintal que foi de Luí…resma, com 6 000 m. q…res de fruta, vinha e ág…m abundância. Caso …o oferecido não conve…ica transferido para o…go seguinte.

Para in…ões: Vasco Valente, F…elef. 23759.

Rotary Clube

Na segunda-feira, no Restaurante Galo de Ouro, realizou-se mais uma reunião do Rotary Clube de Aveiro, que teve relevância especial por assinalar a visita oficial do Governador do Distrito Rotário 176, sr. Dr. Mário da Anunciação Gomes, de Lisboa.

Presidiu o sr. Dr. Paulo Ramalheira, Presidente do Rotary de Aveiro, que convidou para a mesa de honra as sr.as D. Maria de Lourdes Ferreira Gomes, D. Maria da Conceição Gamelas Tavares, D. Maria da Conçeição Valente de Almeida Ramalheira e D. Maria Emília Pimentel Gonçalves; os srs. Dr. Mário da Anunciação Gomes, Dr. António Manuel Gonçalves (Director do Museu), Coronel António Dias Leite, Carlos Aleluia, Coronel João Tavares e José Oliveira Marques (do Rotary Clube de Matosinhos); e ainda o jornalista Aurélio Costa, de «O Século», e o representante do «Litoral».

Após a saudação à Bandeira Nacional, pelo Governador do Distrito Rotário 176, usaram da palavra os srs. Dr. Paulo Ramalheira e Carlos Alberto Machado, Chefe do Protocolo, que dirigiram cumprimentos às senhoras, aos convidados e aos rotários visitantes, saudando de forma particular o sr. Dr. Mário da Anunciação Gomes e o Director do Museu de Aveiro.

A seguir, o Secretário do Clube, sr. Eng.º Nóbrega Canelas, ocupou-se da leitura do expediente, e efectuou-se a cerimónia da *Apresentação Rotária.*

No Período de Actualidade e Curiosidades, o sr. Eduardo Cerqueira fez duas oportunas comunicações: — a primeira sobre a homenagem que na tarde daquele mesmo dia o Rotary de Aveiro havia prestado ao heróico lobo-do-mar António da Benta, oferecendo ao Museu Regional um busto do abnegado aveirense, obra do artista João Calisto; — e a outra sobre as próximas celebrações do Centenário da Morte de José Estêvão, propondo a criação de um prémio escolar do Rotary com o nome do egrégio Tribuno.

Usaram ainda da palavra os srs. Luís Franco Machado, e Dr. José Manuel Canavarro — com várias comunicações de interesse rotário.

Falou, então, o Governador do Distrito Rotário 176, proferindo a palestra que regulamentarmente assinala as suas visitas de trabalho.

Precedendo-a, disse da sua alegria e grande honra por ter tido o ensejo de entregar ao Museu o busto de António da Benta, e referiu-se ao carácter festivo da reunião, salientando a presença das senhoras, dos convidados e dos representantes da Imprensa.

Fez, depois, pertinentes considerações acerca do Rotary, da sua importância, dos seus princípios e dos seus objectivos, concluindo por fazer referência à palavra de ordem do apelo do Presidente do Rotary Internacional para o novo ano de rotarismo, com os votos de que a *chama rotária* possa realmente contribuir para a paz e para o entendimento de todos os povos.

Ao encerrar a reunião, o sr. Dr. Paulo Ramalheira aludiu ao Código Infantil de Trânsito que o Clube vai distribuir pelas escolas do Distrito, e entregou ao sr. Dr. Mário da Anunciação Gomes a contribuição do Rotary de Aveiro para a Rotary Fundation.

Ao sr. Dr. Mário da Anunciação Gomes e a sua esposa foram ainda oferecidas uma flâmula do Rotary de Aveiro, um ramo de flores e uma artística peça de faiança regional.

José Estêvão e Alberto Souto

Conclusão da terceira página

vida de sacrifícios e a sua dedicação ao bem público, à prosperidade da pátria /.../ daria uma prova bem triste de inferioridade intelectual, de fraqueza moral, de ausência de educação cívica»...

Mas Alberto Souto reafirmiria sempre a sua veneração por José Estêvão, já na «Liberdade» de que foi director, já noutros periódicos, publicações e orações, e, ele que foi o mais estreme aveirense destas últimas décadas, nunca olvidava o mais eminente dos seus conterrâneos. Ainda em Abril de 1958, ao hastear das bandeiras no simbólico Mastro do Milenário, na mensagem que dirigiu aos aveirenses, não se esqueceu de que, agora, nesta preciosa ocasião, deveríamos promover, condignamente, «a celebração do centenário da morte de José Estêvão, glória de Aveiro e de Portugal».

A pouco mais de um ano da morte de Alberto Souto, ao evocá-lo na minha saudade renitente, eu sinto uma particular e viva satisfação em juntar o seu ao nome de José Estêvão — e exactamente no dia em que se celebra a morte do mais cultuado aveirense, do que mais nos move os sentimentos, do que mais estímulos nos traz, do mais vivo dos nossos mortos. Cada um no seu âmbito, ambos são duas fontes constantes e inexauríveis de inspiração e incitações.

Eduardo Cerqueira

Faleceram

António de Pinho Vinagre

No dia 10 do mês findo, faleceu, na Casa de Saúde da Vera Cruz, o sr. António de Pinho Vinagre.

Muito considerado e respeitado por suas virtudes, contava 63 anos de idade. Deixa viúva a sr.ª D. Maria de Jesus Velhinho e era pai do sr. José da Naia e Pinho, casado com a sr.ª D. Maria Bebiana Soares Vieira e Pinho, e avô dos estudantes António Manuel e José Soares de Pinho.

D. Maria de Oliveira

No dia 13, faleceu a sr.ª D. Maria de Oliveira.

A saudosa extinta era sogra dos srs. Manuel Margarido e José Pires da Silva e cunhada do sr. Manuel Filipe.

Joaquim Miguéis Picado

No dia 30, faleceu na sua casa, à Praça do Milenário, o sr. Joaquim Miguéis Picado.

Pertencente a uma família muito numerosa e conhecida em Aveiro, o extinto deixou viúva a sr.ª D. Maria da Luz Ferreira Caldeira; era pai da sr.ª D. Maria Arlete Picado, casada com o sr. Jerónimo Martins Raposo, e do sr. Amândio Ferreira Picado; e irmão dos srs. Agostinho, Antero, Carlos, Serafim e Abel Miguéis Picado.

António Augusto de Oliveira

Na sua residência, em Avanca, faleceu, no dia 31, o sr. António Augusto de Oliveira.

Muito respeitado por suas virtudes e qualidades, o saudoso extinto que contava 79 anos de idade, era pai do Rev.º P.º António Augusto de Oliveira, Editor do nosso colega Correio do Vouga, capelão da Santa Casa da Misericórdia e professor da Escola Técnica de Aveiro.

Ás famílias enlutadas os pêsames do Litoral

cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 3 — A sr.ª D. Lucília Martins Arroja Morais; os srs. José Pinto e António Henriques da Cunha; e o estudante Luís Filipe França Marques Mendes, filho do sr. Carlos Marques Mendes.

Amanhã, 4 — A sr.ª D. Cândida Gomes Craveiro Valente, esposa do sr. Manuel Maria Rodrigues Valente; os srs. Jacinto Manuel Ferreira Monteiro Rebocho, António Augusto Ferraz Alves e o compositor musical Nóbrega e Sousa; e a menina Maria Helena, filha do sr. Dr. Francisco Lourenço da Costa.

Em 5 — A sr.ª D. Maria José Vera-Cruz Félix, esposa do sr. Joaquim de Lemos da Silva Félix; e o sr. Abílio Ratola Marques, filho do sr. Abílio Marques.

Em 6 — As sr.as D. Maria de Lourdes Vilar, esposa do sr. Fernando Seixas, e D. Juliana de Melo Ramos, esposa do sr. António Nunes Ferreira Ramos; e os srs. José Fernando Monsó de Moura Coutinho de Almeida d'Eça Marques da Silva Soares, aveirense ausente na cidade da Beira (Moçambique) e Manuel Nunes Pinhão.

Em 7 — As sr.as D. Cândida Augusta da Rocha Baptista Marques, esposa do sr. Dr. António Fernando Marques, D. Maria das Dores Fernandes dos Santos, esposa do sr. José da Silva Marcos, e D. Elvira Ferreira de Carvalho, esposa do Sargento sr. Manuel de Carvalho; e o estudante Francisco Manuel Ferreira Machado, filho do sr. Dr. Francisco Romão Machado.

Em 8 — Os srs. Dr. José Vieira Resende e Manuel dos Santos Ferreira; e a menina Aldina Rosália Rebelo e Silva Ladeira, filha do sr. Dário da Silva Ladeira.

Em 9 — As sr.as D. Clementina Lopes Mortágua Kheim, esposa do sr. Eng.º Sigurd Andreas Kheim, D. Maria de Jesus Marques Roque, filha do sr. Albino do Roque, ausentes em Luanda, e D. Eneida Martins Souto de Oliveira, esposa do sr. Dr. Camilo Cimourdain de Oliveira; e os srs. Ernesto Vieira e Carlos da Naia Sarrazola.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pelo sr. Dr. Pedro Rocha Santos, Chefe de Serviços do Instituto Maternal de Coimbra, foi pedida em casamento, para o sr. Dr. Afrânio Almeida, especialista de Obstetrícia do referido Instituto, a sr.ª Dr.ª Maria Nazaré Freitas Oliveira, filha da sr.ª D. Leopoldina Freitas Oliveira e do sr. Francisco Oliveira.

BAPTIZADO

No passado sábado, 27 de Outubro, foi baptizada, em Fátima, a menina Maria do Rosário de Campos Leite da Silva, filhinha da sr.ª Maria Helena de Campos Mendes Leite da Silva e do sr. Dr. Jorge Leite da Silva.

Presidiu à cerimónia o Rev.º Padre Dr. Carlos Dinis Cosme, Professor do Seminário da Figueira da Foz e amigo pessoal dos pais da neófita, e foram padrinhos a sr.ª D. Maria Manuela de Campos Mendes Rosa e o sr. Dr. Fernando Leite da Silva.

VIMOS EM AVEIRO:

★ O sr. Eng.º Duarte Calheiros, ilustre Administrador-adjunto dos C. T. T..

★ O distinto colaborador do *Litoral* Inspector Gomes dos Santos, que tivemos o prazer de abraçar na nossa Redacção.

MAJOR PIRES TAVARES

Foi recentemente promovido ao seu actual posto o sr. Major Domingos Américo Pires Tavares, ilustre oficial aveirense do Regimento de Infantaria 10 ùltimamente em serviço no Estado Maior do Exército, em Lisboa.

As nossas felicitações

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 22 de Outubro procedente de Vigo, entrou a barra o iate de recreio polaco, *Hermes II*, que, no dia 23, saiu com destino a Lisboa.

Foi lançado à água o arrastão de pesca costeiro «Henrique Manuel Vilarinho»

A CIDADE

Com as cerimónias habituais e com a assistência do sr. Comandante Pires Cabral, Capitão do Porto, representantes da Junta Autónoma do Porto de Aveiro e outras entidades, realizou-se, no último sábado, nos Estaleiros Manuel Maria Mónica, na Gafanha da Nazaré, a cerimónia do lançamento à água do novo arrastão de pesca costeiro «Henrique Manuel Vilarinho», ali mandado construir pela firma armadora João Maria Vilarinho, Sucrs., L.da.

A nova unidade, que tem capacidade para 110 metros cúbicos de peixe, para 35000 litros de gasóleo e tanques de água doce de 3500 litros, tem 32 metros de comprimento, 6,80 de boca e 3,37 de pontal, e é equipada com um motor de propulsão de 660 CV., com hélice de pás reversíveis, sendo a terceira deste tipo construída naqueles estaleiros. O novo arrastão poderá dar uma velocidade de 12 milhas horárias e possui alojamentos próprios para capitão, mestre, 1.º e 2.º motoristas, contra-mestre e mestre de redes, e instalações confortáveis para a restante tripulação, está equipado com um guincho hidráulico de baixa pressão e dispõe de duas modernas sondas electrónicas.

A preceder o «bota-abaixo», que deu motivo às costumadas esteriorizações de regozijo, o gerente dos Estaleiros, sr. Arménio Bolais Mónica, pronunciou algumas palavras enaltecendo a iniciativa da firma armadora, que, assim, dá mais uma valiosa colaboração à economia nacional, e a acção aos organismos de pesca, sob a orientação do sr. Contra-almirante Henrique Tenreiro; e assinalou o que os Estaleiros ficaram devendo ao sr. Almirante Américo Tomás, qunando Ministro da Marinha, e devem também ao actual titular daquela pasta.

Secção organizada pelo DR. HUMBERTO LEITÃO

Como achega às actuais comemorações, achamos interessante arquivar na Arca *o programa das festas da inauguração da estátua de José Estêvão:*

Programa Geral dos Festejos na INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO levantado nesta Cidade A' MEMÓRIA DO GRANDE TRIBUNO JOSÉ ESTÊVÃO COELHO DE MAGALHÃES, nos dias 11, 12 e 13 de Agosto de 1889

Dia 11

10 horas — Um bodo a 400 pobres da Cidade, servido no átrio do Liceu, com a presença de 3 bandas de música.

11 horas — Inauguração da lápide comemorativa, na casa em que nasceu o orador, na Rua de José Estêvão.

Em seguida, a Câmara e a Comissão dos Festejos vão ao cemitério depor, em nome da Cidade, uma coroa sobre o túmulo do tribuno, após o que irão cumprimentar a Família de José Estêvão.

16 horas — Tourada, na Praça do Campo de S. João.

À noite — a) Iluminações no Largo Municipal
b) Sarau Literário no Teatro Aveirense

Dia 12

Alvorada, por diferentes bandas de música.

11 horas — Cortejo cívico que formará nas imediações da estação do caminho de ferro e virá ao Largo Municipal assistir à inauguração do monumento. Carros alegóricos: Bombeiros Voluntários, Comércio e Indústria, Artes, Marinha e Pesca.

12 horas — Jantar aos presos, oferecido pelas tricanas de Aveiro.

16 horas — Tourada, na Praça do Campo de S. João.

18 horas — Jantar oferecido pelo Sr. Dr. Barbosa de Magalhães, Presidente da Comissão Executiva da Junta Geral, às duas comissões parlamentares que vêm assistir aos festejos.

De tarde e à noite — Bailes populares no Largo do Rossio.

À noite — Iluminação geral na Cidade e no canal que a divide.

Dia 13

10 horas — Passeio fluvial à Barra, em barcos preparados e vistosamente adornados, oferecido pela Grande Comissão dos Festejos a todas as corporações e pessoas convidadas a assistirem à inauguração.

À noite — Iluminações do Largo Municipal e Fábrica de Louça da Fonte Nova.

— Coroação do busto de José Estêvão.

— Récita por distintos amadores, no Teatro Aveirense.

Notas

O cortejo deverá formar-se na estrada que liga o Largo da Estação à Rua do Visconde de S. Januário, seguindo depois pela Rua do Gravito, Vera-Cruz, Rua de José Estêvão, Avenida Bento de Moura, Praça do Comércio, Travessa da Praça, Alfena, Rua da Rainha, Rua de Fontes Pereira de Melo, Ponte da Praça, Rua de Francisco Matoso, Rua de José Luciano de Castro, Arrochela, Arribas, Sé, Jardim, Rua de Anselmo Braamcamp e Largo Municipal.

O préstito formar-se-á às 11 horas, em ponto. Às 11.30, ocupando todas as corporações os seus lugares, será içada, como sinal de prevenção, uma bandeira branca no mastro do Quartel do Príncipe D. Carlos. Ao meio-dia será feito sinal de desfilar, por meio de uma girândola de 500 foguetes.

Por decreto real os dias 12 e 13 foram considerados feriados.

A C. M. A. contratou a decoração e iluminação do Largo Municipal e dos Paços do Concelho com o distinto ornamentista portuense José Maria de Matos, e com uma casa de Lisboa a iluminação da estátua por um foco de luz eléctrica.

O edifício do Grémio foi iluminado por um novo sistema, substituindo os vidros das janelas por magníficos vitraux, *mandados vir expressamente da Alemanha.*

A popular Companhia Dramática de Joseph Dalot veio a esta Cidade dar espectáculos, por ocasião dos festejos, num barracão no Rossio.

Natal dos Soldados Aveirenses no Norte de Angola

Continuam a receber-se na Rua do Dr. Nascimento Leitão, n.º 4, e na Redacção do *Litoral*, as lembranças (em roupas, conservas, doces e frutas secas, tabaco, brinquedos ou dinheiro) com que a generosidade dos nossos leitores pretenda contribuir para a celebração do Natal dos indígenas do Distrito do Uige, no Norte de Angola, e dos soldados do Distrito de Aveiro que ali se encontram a defender a soberania de Portugal.

Pedem-nos que comuniquemos aos que se disponham a auxiliar esta louvável iniciativa que deverão entregar sem demora as suas lembranças, pois terão de ser convenientemente acondicionadas e remetidas à Cruz Vermelha Portuguesa, por forma a estarem em Lisboa no dia 10 do corrente, a fim de poderem seguir num navio que sairá do Tejo poucos dias depois.

O *Litoral* dará oportunamente conta das lembranças recebidas.

Casa do Povo de Esgueira

Assinalando a passagem do seu 20.º aniversário, a Casa do Povo de Esgueira elaborou um festivo programa de comemorações, que terá o seu início na próxima quinta-feira e comporta os seguintes números:

Dia 8 — *A's 20 horas* — Inauguração de novos sanitários e balneários. *A's 21.30 horas* — Abertura aos sócios da nova Biblioteca. *A's 22 horas* — Torneio de Ping-Pong inter-sócios.

Dia 9 — *A's 21.30 horas* — Sessão solene, a que presidirá o Delegado em Aveiro do I. N. T. P. e em que usará da palavra o sr. Dr. Manuel Granjeia.

Dia 10 — *A's 21.30 horas* — Sessão de Cinema, organizada pela Delegação de Coimbra da F. N. A. T., com a exibição de um filme português.

Dia 11 — *A's 11 horas* — Missa, na igreja paroquial, por alma dos sócios e dirigentes falecidos. *A's 10.30 horas* — Jogo de basquetebol Esgueira - Sangalhos. *A's 12 horas* — Distribuição de sopa e pão aos sócios necessitados. *A's 12.30 horas* — Largada de pombos-correios. *A's 15 horas* — Provas desportivas, na Alameda 31 de Janeiro. *A's 21.30 horas* — «Soirée Dançante».

Grave Acidente de Viação

No cruzamento da Estrada Nacional com a Rua do General Costa Cascais, em Esgueira, ocorreu há dias um grave e espectacular acidente de viação.

Montando numa motorizada, o padeiro Manuel Branco de Oliveira de 21 anos, residente no Solposto, transportava no mesmo veículo a sua namorada, menina Maria Teresa Cunha Loura, de 17 anos, e ainda Filomena Simões Lopes, de 6 anos — ambas residentes em Esgueira. Vinda do Porto, surgiu uma furgoneta conduzida pelo gerente comercial sr. José Carlos Moreira da Silva, residente naquela cidade — o que atrapalhou o ciclomotorista, que, perdendo a calma e o domínio da sua motorizada, foi embater na furgoneta, com violência.

Do choque resoltou que a pequenita Filomena ficou com as pernas partidas; a Maria Teresa apresentou-se com fractura do ombro e do braço esquerdo; e, finalmente, o Manuel Oliveira sofreu fracturas da bacia e da perna direita — peloque todos ficaram internados no Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

O motorista da furgoneta, que nada sofreu, foi ilibado de qualquer culpa.

UMA CARTA

Continuação da primeira página

amigos que espontâneamente vieram trazer às suas páginas o testemunho de que o lembraram sentidamente; foram aqueles que o lendo vieram até nós com uma palavra, um telefonema, uma presença, uma flor na sua campa.

E foram também aqueles com quem cruzámos na rua, que nada nos disseram, mas que nos disseram muito na linguagem dum olhar amigo.

Para o Litoral *e para o bom povo de Aveiro, vai a expressão do nosso maior reconhecimento. Para o povo simples que nos perdoe o* Litoral *a franqueza — o reconhecimento é maior ainda porque se muito nos interessa qualquer homenagem prestada a nosso Pai, não menos nos importa o ter sido lembrado pelos seus conterrâneos, porque verificamos que não foi em vão que ele se deu à sua terra. Ela mereceu tudo, porque sabe guardar no coração, para além da morte, os filhos que a ela se deram com religioso amor. Para todos os que nos acompanharam nesta data, dedicando a nosso Pai um pensamento e lembrando o seu Aveirismo, fica a mais expressiva gratidão*

DAS FILHAS

Venda e[...]ta Pública

No di[...] Novembro, no lugar d[...]ta do Gato — Sol P[...]roceder-se-á à venda da[...] quintal que foi de Lu[...]resma, com 6 000 m. q[...]res de fruta, vinha e ág[...]n abundância. Caso [...]o oferecido não conve[...]ca transferido para o[...]go seguinte.

Para in[...]ões: Vasco Valente, F[...]elef. 23 759.

Rotary Clube

Na segunda-feira, no Restaurante Galo de Ouro, realizou-se mais uma reunião do Rotary Clube de Aveiro, que teve relevância especial por assinalar a visita oficial do Governador do Distrito Rotário 176, sr. Dr. Mário da Anunciação Gomes, de Lisboa.

Presidiu o sr. Dr. Paulo Ramalheira, Presidente do Rotary de Aveiro, que convidou para a mesa de honra as sr.as D. Maria de Lourdes Ferreira Gomes, D. Maria da Conceição Gamelas Tavares, D. Maria da Conçeição Valente de Almeida Ramalheira e D. Maria Emília Pimentel Gonçalves; os srs. Dr. Mário da Anunciação Gomes, Dr. António Manuel Gonçalves (Director do Museu), Coronel António Dias Leite, Carlos Aleluia, Coronel João Tavares e José Oliveira Marques (do Rotary Clube de Matosinhos); e ainda o jornalista Aurélio Costa, de «O Século», e o representante do «Litoral».

Após a saudação à Bandeira Nacional, pelo Governador do Distrito Rotário 176, usaram da palavra os srs. Dr. Paulo Ramalheira e Carlos Alberto Machado, Chefe do Protocolo, que dirigiram cumprimentos às senhoras, aos convidados e aos rotários visitantes, saudando de forma particular o sr. Dr. Mário da Anunciação Gomes e o Director do Museu de Aveiro.

A seguir, o Secretário do Clube, sr. Eng.º Nóbrega Canelas, ocupou-se da leitura do expediente, e efectuou-se a cerimónia da *Apresentação Rotária*.

No Período de Actualidade e Curiosidades, o sr. Eduardo Cerqueira fez duas oportunas comunicações: — a primeira sobre a homenagem que na tarde daquele mesmo dia o Rotary de Aveiro havia prestado ao heróico lobo-do-mar António da Benta, oferecendo ao Museu Regional um busto do abnegado aveirense, obra do artista João Calisto; — e a outra sobre as próximas celebrações do Centenário da Morte de José Estêvão, propondo a criação de um prémio escolar do Rotary com o nome do egrégio Tribuno.

Usaram ainda da palavra os srs. Luís Franco Machado, e Dr. José Manuel Canavarro — com várias comunicações de interesse rotário.

Falou, então, o Governador do Distrito Rotário 176, proferindo a palestra que regulamentarmente assinala as suas visitas de trabalho.

Precedendo-a, disse da sua alegria e grande honra por ter tido o ensejo de entregar ao Museu o busto de António da Benta, e referiu-se ao carácter festivo da reunião, salientando a presença das senhoras, dos convidados e dos representantes da Imprensa.

Fez, depois, pertinentes considerações acerca do Rotary, da sua importância, dos seus princípios e dos seus objectivos, concluindo por fazer referência à palavra de ordem do apelo do Presidente do Rotary Internacional para o novo ano de rotarismo, com os votos de que a *chama rotária* possa realmente contribuir para a paz e para o entendimento de todos os povos.

Ao encerrar a reunião, o sr. Dr. Paulo Ramalheira aludiu ao Código Infantil de Trânsito que o Clube vai distribuir pelas escolas do Distrito, e entregou ao sr. Dr. Mário da Anunciação Gomes a contribuição do Rotary de Aveiro para a Rotary Fundation.

Ao sr. Dr. Mário da Anunciação Gomes e a sua esposa foram ainda oferecidas uma flâmula do Rotary de Aveiro, um ramo de flores e uma artística peça de faiança regional.

Faleceram

António de Pinho Vinagre

No dia 10 do mês findo, faleceu, na Casa de Saúde da Vera Cruz, o sr. António de Pinho Vinagre.

Muito considerado e respeitado por suas virtudes, contava 63 anos de idade. Deixa viúva a sr.ª D. Maria de Jesus Velhinho e era pai do sr. José da Naia e Pinho, casado com a sr.ª D. Maria Bebiana Soares Vieira e Pinho, e avô dos estudantes António Manuel e José Soares de Pinho.

D. Maria de Oliveira

No dia 13, faleceu a sr.ª D. Maria de Oliveira.

A saudosa extinta era sogra dos srs. Manuel Margarido e José Pires da Silva e cunhada do sr. Manuel Filipe.

Joaquim Miguéis Picado

No dia 30, faleceu na sua casa, à Praça do Milenário, o sr. Joaquim Miguéis Picado.

Pertencente a uma família muito numerosa e conhecida em Aveiro, o extinto deixou viúva a sr.ª D. Maria da Luz Ferreira Caldeira; era pai da sr.ª D. Maria Arlete Picado, casada com o sr. Jerónimo Martins Raposo, e do sr. Amândio Ferreira Picado; e irmão dos srs. Agostinho, Antero, Carlos, Serafim e Abel Miguéis Picado.

António Augusto de Oliveira

Na sua residência, em Avanca, faleceu, no dia 31, o sr. António Augusto de Oliveira.

Muito respeitado por suas virtudes e qualidades, o saudoso extinto que contava 79 anos de idade, era pai do Rev.º P.º António Augusto de Oliveira, Editor do nosso colega Correio do Vouga, *capelão da Santa Casa da Misericórdia e professor da Escola Técnica de Aveiro.*

Ás famílias enlutadas os pêsames do Litoral

José Estêvão e Alberto Souto

Conclusão da terceira página

vida de sacrifícios e a sua dedicação ao bem público, à prosperidade da pátria /.../ daria uma prova bem triste de inferioridade intelectual, de fraqueza moral, de ausência de educação cívica»...

Mas Alberto Souto reafirmiria sempre a sua veneração por José Estêvão, já na «Liberdade» de que foi director, já noutros periódicos, publicações e orações, e, ele que foi o mais estreme aveirense destas últimas décadas, nunca olvidava o mais eminente dos seus conterrâneos. Ainda em Abril de 1958, ao hastear das bandeiras no simbólico Mastro do Milenário, na mensagem que dirigiu aos aveirenses, não se esqueceu de que, agora, nesta precisa ocasião, deveríamos promover, condignamente, «a celebração do centenário da morte de José Estêvão, glória de Aveiro e de Portugal».

A pouco mais de um ano da morte de Alberto Souto, ao evocá-lo na minha saudade renitente, eu sinto uma particular e viva satisfação em juntar o seu ao nome de José Estêvão — e exactamente no dia em que se celebra a morte do mais cultuado aveirense, do que mais nos move os sentimentos, do que mais estímulos nos traz, do mais vivo dos nossos mortos. Cada um no seu âmbito, ambos são duas fontes constantes e inexauríveis de inspiração e incitações.

Eduardo Cerqueira

cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 3 — A sr.ª D. Lucília Martins Arroja Morais; os srs. José Pinto e António Henriques da Cunha; e o estudante Luís Filipe França Marques Mendes, filho do sr. Carlos Marques Mendes.

Amanhã, 4 — A sr.ª D. Cândida Gomes Craveiro Valente, esposa do sr. Manuel Maria Rodrigues Valente; os srs. Jacinto Manuel Ferreira Monteiro Rebocho, António Augusto Ferraz Alves e o compositor musical Nóbrega e Sousa; e a menina Maria Helena, filha do sr. Dr. Francisco Lourenço da Costa.

Em 5 — A sr.ª D. Maria José Vera-Cruz Félix, esposa do sr. Joaquim de Lemos da Silva Félix; e o sr. Abílio Ratola Marques, filho do sr. Abílio Marques.

Em 6 — As sr.as D. Maria de Lourdes Vilar, esposa do sr. Fernando Seixas, e D. Juliana de Melo Ramos, esposa do sr. António Nunes Ferreira Ramos; e os srs. José Fernando Monsó de Moura Coutinho de Almeida d'Eça Marques da Silva Soares, aveirense ausente na cidade da Beira (Moçambique) e Manuel Nunes Pinhão.

Em 7 — As sr.as D. Cândida Augusta da Rocha Baptista Marques, esposa do sr. Dr. António Fernando Marques, D. Maria das Dores Fernandes dos Santos, esposa do sr. José da Silva Marcos, e D. Elvira Ferreira de Carvalho, esposa do Sargento sr. Manuel de Carvalho; e o estudante Francisco Manuel Ferreira Machado, filho do sr. Dr. Francisco Romão Machado.

Em 8 — Os srs. Dr. José Vieira Resende e Manuel dos Santos Ferreira; e a menina Aldina Rosália Rebelo e Silva Ladeira, filha do sr. Dário da Silva Ladeira.

Em 9 — As sr.as D. Clementina Lopes Mortágua Kheim, esposa do sr. Eng.º Sigurd Andreas Kheim, D. Maria de Jesus Marques Roque, filha do sr. Albino do Roque, ausentes em Luanda, e D Eneida Martins Souto de Oliveira, esposa do sr. Dr. Camilo Cimourdain de Oliveira; e os srs. Ernesto Vieira e Carlos da Naia Sarrazola.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pelo sr. Dr. Pedro Rocha Santos, Chefe de Serviços do Instituto Maternal de Coimbra, foi pedida em casamento, para o sr. Dr. Afrânio Almeida, especialista de Obstetrícia do referido Instituto, a sr.ª Dr.ª Maria Nazaré Freitas Oliveira, filha da sr.ª D. Leopoldina Freitas Oliveira e do sr. Francisco Oliveira.

BAPTIZADO

No passado sábado, 27 de Outubro, foi baptizada, em Fátima, a menina Maria do Rosário de Campos Leite da Silva, filhinha da sr.ª Maria Helena de Campos Mendes Leite da Silva e do sr. Dr. Jorge Leite da Silva.

Presidiu à cerimónia o Rev.º Padre Dr. Carlos Dinis Cosme, Professor do Seminário da Figueira da Foz e amigo pessoal dos pais da neófita, e foram padrinhos a sr.ª D. Maria Manuela de Campos Mendes Rosa e o sr. Dr. Fernando Leite da Silva.

VIMOS EM AVEIRO:

★ O sr. Eng.º Duarte Calheiros, ilustre Administrador-adjunto dos C. T. T..

★ O distinto colaborador do *Litoral* Inspector Gomes dos Santos, que tivemos o prazer de abraçar na nossa Redacção.

MAJOR PIRES TAVARES

Foi recentemente promovido ao seu actual posto o sr. Major Domingos Américo Pires Tavares, ilustre oficial aveirense do Regimento de Infantaria 10 ùltimamente em serviço no Estado Maior do Exército, em Lisboa.

As nossas felicitações

DESPORTOS

Continuações da página sete

FUTEBOL

Académico — Beira-Mar

seus avanços, os locais eram forçados a tentar os remates de longe, òbviamente com menos probabilidades de êxito. A defesa dos negro-amarelos voltou a actuar em grande plano — o que explica o relativo insucesso dos academistas...

●

Como atrás dissemos, foi evidente a falta de decisão dos atacantes do Beira-Mar, impedindo o grupo de conseguir uma vitória de grande interesse na presente fase da prova.

E foi assim, na realidade: os beiramarenses voltaram a claudicar na finalização, comprometendo a exibição global da turma em consequência dessa pecha.

Verdade seja que, mais uma vez, a sorte do jogo se virou ostensivamente contra os aveirenses, nomeadamente em dois lances (aos 7 m. e aos 70m.) de baliza aberta, em que Chaves só não fez golo porque os seus remates foram salvos, já na risca final, por afortunadas intervenções de Óscar e Martinez — de ambas as vezes com Helder batido.

●

Mas o certo é que, a atacar, o *team* de Aveiro não está bem. Dá-nos mesmo a ideia de que, na forma como vem actuando, a equipa sofre da falta de finalizadores, de homens de grande área, enquanto, lhe sobram armadores de jogo, por vezes a intrometerem-se escusamente em lances que não lhes pertenciam.

Efectivamente, parece-nos que falta um homem na mesma linha de Teixeira, já que este, desamparado como se tem visto, se perde em inglórios e improdutivos *raids* e raramente logra ensejo de tentar a baliza.

Romeu, imaginoso e utilíssimo, e Miguel, a seguir, foram os dianteiros que melhor cumpriram.

Chaves viu-se pouco na área e Brandão (que cedo permutara com Laranjeira) cumpriu melhor na missão destrutiva. De resto, e como se referiu já, não vislumbrámos qualquer utilidade na colocação atrasada de ambos os interiores — pois o sistema apenas tornou mais complicada e morosa a transposição da bola vinda dos médios.

Há que rever este problema, de capital importância — e sem perda de mais tempo.

●

Sobre a passagem dos 60m., em evidente deslocação — que o *bandeirinha* Cid Gomes prontamente assinalou e o árbitro confirmou — o visiense Carvalho enviou a bola às malhas. Claro que não podia ser golo — como não foi! — embora o lance tenha sido, por instantes, festejado como tal...

Aliás, o árbitro produziu um trabalho seguro, firme e certo.

VIOLAS — UMA SAUDADE

será meu... Assisti mudo e quedo àquela exteriorização. Eu sentia que o João Martins — o «promessa» loiro que evoluiu meses antes nas Antas, como os jornais do Porto se referiram — não poderia ver o seu sonho realizado. Não porque eu duvidasse da sua enorme força de vontade, mas porque por essa altura ainda seria demasiado cedo. A doença não mata, mas deixa vestígios.

Entretanto, o encontro iniciara-se, ecoaram ao redor do Estádio os primeiros aplausos. A multidão sorria com avidez os primeiros lances da época. E a presença de Violas na baliza já não era mais do que uma saudade...

Joaquim Duarte

Basquetebol

Cucujães — Costa, Jorge 2-4, Pinto 4-0, José António 4-4, João Ramalhosa 3-6 e Andrade.

1.ª parte: 15-13. 2.ª parte: 17-14.

O veterano gigante sanjoanense Manuel Pinho esteve, uma vez mais, na base do êxito da sua turma: só ele marcou tantos pontos como o Cucujães...

A partida foi equilibrada e disputadíssima, sobretudo pela rivalidade das duas equipas.

Amoníaco, 34 Galitos, 33

Jogo em Estarreja. A'rbitros — Manuel Bastos e Manuel Gonçalves.

Amoníaco — Necas 4-3, Ferreira 2-0, Matos 4-1, Virgílio 9-3, E'vora 2-2, Arlindo 0-4 e Eng.º Drumond.

Galitos — José Fino 4-4, João 5-0, Raul, Júlio 2-3, Encarnação 7-4, Albertino 2-0 e Mateus de Lima 0-2.

1.ª parte: 21-20. 2.ª parte: 13-13.

A partida decorreu em clima escaldante, que, lamentàvelmente, excedeu os limites da correcção e da prudência.

Assim, o espectáculo tornou-se impróprio e condenável — importando que se castiguem os prevaricadores, pois cenas como as de Estarreja só servem para desvirtuar os ideais desportivos e criar inimizades.

Os assistentes impediram a normal e regular sequência do jogo, tanto pelo arremesso de pedras aos árbitros (e alguns jogadores do Galitos foram atingidos...), como ainda provocando a interrupção do prélio a dois minutos do seu termo, desligando a luz do recinto!

Após prolongada demora, o encontro prosseguiu, em compreensível ambiente de excitação. E foi nesses minutos derradeiros que os estarrejenses lograram colocar-se em vencedores...

Entretanto, o Galitos apresentou declaração de protesto, que posteriormente confirmou, pelo que o prélio pode não estar ainda completamente decidido...

Esgueira, 32 Recreio, 14

Jogo no Campo da Alameda. A'rbitros - Manuel Gonçalves e Aureliano Silva.

Esgueira — Ravara 2-0, Manuel Pereira 6-0, Raul 6-2, Matos 2-2, Cotrim 2-8, José Calisto, Lopes 0-1, João Calisto 0-1 e Carvalho.

Recreio — Santos, Cunha 0-4, Castro 2-0, Massadas 3-3, Almeida 2-0, Rui Luís, Rocha e Mário.

1.ª parte: 18-7. 2.ª parte: 14-7.

Os esgueirenses vincaram bem a sua superioridade, ganhando com mérito absoluto e por margem folgada que é reflexo do seu ascendente.

Illiabum, 23 Esgueira, 22

Jogo no Estádio Municipal de Ílhavo. Árbitros — Manuel Bastos e Manuel Gonçalves.

Illiabum — Vinagre 0-2, Pessoa 2-0, Elmano 0-3, Rosa Novo 5-7, Cachim 0-4, Narsindo, Júlio e Coelho.

Esgueira — Ravara, Raul 3-2, Manuel Pereira 4-1, Matos 2-4, Cotrim 2-4, João Calisto e José Calisto.

1.ª parte: 7-11. 2.ª parte: 16-11

Embora animosas, as turmas praticaram basquetebol de má factura, como a pobreza dos números finais bem denuncia.

Os esgueirenses estiveram quase sempre a vencer, mas não souberam acautelar devidamente o resultado, que os ilhavenses tornaram favorável nos derradeiros momentos do prélio.

No entanto, o Esgueira fez declarações de protesto — alegando irregularidade na altura de determinada substituição.

Cucujães, 25 Sangalhos, 50

Jogo no Parque de Castro Lopes. A'rbitro — Carlos Neiva.

Cucujães — João Ramalhosa 7-3, Costa 0-2, Jorge 6-3, Pinto 2-2 e Mário Ramalhosa.

Sangalhos — Garcia Alves 4-2, Alexandre 10-2, Alberto 0-4, Valdemar 6-12, Carmona 2-0, Feliciano 4-0, Farate 2-0, Arménio, Afonso 0-2 e Carlos.

1.ª parte: 15-28. 2.ª parte: 10 22.

Com a equipa melhor estruturada e com bons valores individuais, o Sangalhos venceu com toda naturalidade a turma cucujanense, que se apresentou sem dois titulares e ainda com Pinho desastrado na transformação.

Sanjoanense, 44 Amoníaco, 45

Jogo no Pavilhão dos Desportos. A'rbitros — Albano Baptista e Aureliano Silva.

Sanjoanense — Tavares 2-0, Aureliano 5-2, Carlos 0-2, Manuel Pinho 7-12, Sadi 4-2 e Carlos Silva 4-4.

Amoníaco — Necas 0-2, Ramos, Évora, Virgílio 14-16, Matos 0-3, Arlindo 4-0, Eng.º Drumond 0-2 e Mário 0-4.

1.ª parte: 22-23. 2.ª parte: 22-22.

A partida foi sempre muito igual, disputada taco-a-taco.

Mercê de exibição portentosa exibição do jovem Virgílio — marcador de 30 pontos, precisamente o dobro de todos os seus colegas juntos —, os estarrejenses somaram um êxito surpreendente.

Todavia, e pretextando erro da mesa na marcação do boletim, a Sanjoanense fez declaração de protesto.

Recreio, 28 Galitos, 45

Jogo em A'gueda. Árbitros — Vítor Couto e Manuel Arroja.

Recreio — Santos 0-2, Cunha 4-4, Castro 2-2, Massadas 1-0, Bela 0 9, Cap. Fernando Simões 0-2, Rocha 0-2 e Rui Luís.

Galitos — Madail, Sarrico, Mateus de Lima 10-0, Encarnação 5-2, Manuel Vieira 3-0. José Fino 0-13, João, Raul 0-4, Albertino 0-1, Júlio 0-5, Pires 2-0 e António Vieira.

1.ª parte: 7-20. 2.ª parte: 21-25.

Os alvi-rubros alinharam com duas turmas distintas — uma em cada período — no intuito de dar rodagem aos seus mais jovens representantes.

Na primeira parte, jogaram precisamente os elementos da *nova-vaga*, todos juniores há dois anos, que se portaram excelentemente: obtiveram um avanço de 13 pontos, enquanto os consagrados, na segunda parte, apenas conseguiram 4 pontos de vantagem.

De notar, porém, que os aguedenses operaram, no segundo período, uma forte tentativa de recuperação, o que criou mais dificuldades à turma de Aveiro.

O encontro foi fértil em incidentes lamentáveis, provocados pela desclassificação de Massadas, ainda na fase inicial do jogo. A culminar as ocorrências, foi apedrajado o automóvel em que se deslocaram os árbitros...

Tabela de Classificação

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sangalhos .	4	4	—	184- 96	12
Amoníaco .	4	3	1	153-184	10
Esgueira . .	4	2	2	122-107	8
Galitos. . .	4	2	2	149-137	8
Sanjoanense	4	2	2	152-159	8
Illiabum . .	4	2	2	129-145	8
Cucujães . .	4	1	3	117-157	6
Recreio. . .	4	—	4	94-151	4

★

Os próximos desafios:

HOJE — Galitos - Il iabum, Sangalhos - San joanense, Amoníaco - Recreio e Esgueira - Cucujães.

TERÇA-FEIRA — Illiabum - Recreio, Cucujães - Galitos, Sanjoanense - Esgueira e Sangalhos - Amoníaco.

A partida *Amoníaco-Recreio* foi marcada para Ílhavo.

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 8 DO TOTOBOLA

11 de Novembro de 1962

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Olhanense — Benfica			2
2	Académica — C. U. F.	1		
3	Lusitano — Atlético		x	
4	Barreirense — Leixões		x	
5	Porto — Guimarães	1		
6	Braga — Marinhense	1		
7	Boavista — Covilhã		x	
8	Beira-Mar — Oliveir.	1		
9	Varzim — Salgueiros	1		
10	Sacavenense — Seixal			2
11	Portimon. — Alhandra	1		
12	Luso-Cova da Piedade	1		
1	Peniche — Silves	1		

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se público que pelo Segundo Juízo de Direito desta comarca e segunda secção de processos correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados JOSÉ MALAQUIAS FERREIRA e mulher MARIA DOS PRAZERES DOS SANTOS CARAMONETE, ele marítimo e ela doméstica, residentes no lugar de Cimo de Vila, freguesia de Ilhavo, desta comarca, para, no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos na execução de sentença que lhes move Rosa Salgado Costa, viúva, doméstica, da Rua da Capela, da vila e freguesia de Ilhavo, desta comarca, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 18 de Outubro de 1962

O Juiz de Direito,
Francisco Xavier de Morais Sarmento

O Escrivão de Direito,
Armando Rodrigues Ferreira

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Resultados do dia

Braga — Leça	3-1
Marinhense — Boavista	1-0
Covilhã — Sanjoanense	6-0
Académico — Beira-Mar	0-0
Oliveirense — Castelo Branco	1-0
Espinho — Varzim	3-3
Salgueiros — Vianense	2-3

Breve comentário

A segunda jornada teve, tal como a ronda inaugural, um êxito para os visitantes, dois empates e quatro triunfos caseiros. O pormenor é mera curiosidade, e só por isso o registamos.

Vencedora fora de casa, no campo de um team *que desceu da I Divisão (Salgueiros), a turma de Viana do Castelo colocou-se em plano de evidência e ocupa a primeira posição da tabela, de parceria com o Marinhense.*

Dois grupos que subiram este ano da III à II Divisão conseguiram empates preciosos. O Varzim, em Espinho, foi até autor de recuperação sensacional, pois os homens da Costa Verde chegaram a ter dois golos de avanço; e o Académico, no Fontelo (a ser beneficiado com a construção de pista para atletismo), onde recebeu o nosso despromovido Beira-Mar. Notabilizaram-se, portanto os poveiros e os visienses.

Os triunfos caseiros foram normais e esperados, lógicos portanto. De notar-se apenas o score *amplo que os leões da serra obtiveram ante a Sanjoanense; as boas replicas do Boavista e do Castelo Branco — batidos ambos por golos solitários; e ainda a resistência que o estreante Leça opôs ao categorizado Sporting de Braga, sobretudo pela desvantagem dos leceiros ao pisarem um relvado.*

Na ronda de domingo, ficaram em branco nada menos de cinco grupos; todavia, marcaram-se 23 golos, contra 18 da jornada inaugural, em que apenas quatro equipas não golearam.

De momento, só dois grupos (Beira-Mar e Sanjoanense) ainda não golearam; e três equipas mantêm intactas as suas redes (Beira-Mar, Marinhense e Covilhã). O caso, visto que estamos no começo, poderá não significar nada de importante.

No entanto, e no caso particular dos beiramarenses, o zero que se verifica na coluna dos golos marcados é sintomático e causa justificado espanto, pois denota falta de objectividade do sector atacante. E isto porque, nos jogos oficiais, a turma registou, após os quatro tentos que obteve em Faro, apenas mais dois golos em cinco jogos (!), um contra o Farense, em Aveiro, e outro contra o Seixal (de penalty... *), ficando três vezes em claro...*

Tabela da classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Marinhense	2	2	—	—	3-0	4
Vianense	2	2	—	—	6-3	4
Covilhã	2	1	1	—	6-0	3
Varzim	2	1	1	—	5-3	3
Braga	2	1	—	1	5-4	2
Beira-Mar	2	—	2	—	0-0	2
Académico	2	—	2	—	1-1	2
Boavista	2	1	—	1	3-3	2
Leça	2	1	—	1	3-4	2
Oliveirense	2	1	—	1	1-2	2
C. Branco	2	—	1	1	1-2	1
Espinho	2	—	1	1	4-6	1
Salgueiros	2	—	—	2	3-5	0
Sanjoanense	2	—	—	2	0-8	0

Académico, 0 — Beira-Mar, 0

Jogo no Campo do Fontelo, em Viseu.

Árbitro — Francisco Guerra. Fiscais de linha — Fernando Ventura (bancada) e Cid Gomes (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

Académico — Helder; Oscar, Silvino e Ramiro II; Silvério e Martinez; Raul, João Pereira, Carvalho, Ramiro I e José Manuel.

Beira-Mar — Pais; Valente, Liberal e Girão; Brandão e Jurado; Miguel, Laranjeira, Teixeira, Chaves e Romeu.

●

O tempo dirá se os beiramarenses ganharam ou perderam um ponto em Viseu! E' que a turma do Académico nos pareceu aguerrida, combativa, entusiástica — e a juventude dos seus componentes faz-nos acreditar em que, mais rodada, a equipa se torne ainda mais difícil para os grupos que se deslocarem ao Fontelo.

●

No domingo, a igualdade foi um resultado aceitável para o labor de ambas as turmas — premiando o desbordante entusiasmo, o permanente empenho e a aplicação dos visitados (a suprirem, assim, uma indisfarçável insuficiência técnica); e castigando, no nulo que se apurou, a falta de decisão dos dianteiros aveirenses, de quem, em última análise, se esperava a sorte do desafio.

●

O Beira-Mar dominou o jogo e mandou no meio-campo, passado que foi o rompante inicial dos visienses.

Depois, para culminarem os

continua na página 6

VIOLAS — UMA SAUDADE

Apontamento de JOAQUIM DUARTE

Não há muitos meses que a notícia correu célere como o vento. A princípio com certos reservas, como que receando que o mal se agravasse, mas depois veio a confirmação crua, real, verdadeira. O Violas estava doente! O macetão esguio, mas forte no querer e no poder, tombara temporàriamente. Logo se gerou um movimento de simpatia, não só entre os mais íntimos, mas também no seio de todos quantos adoram o futebol, melhor dizendo, o Beira-Mar.

Fomos dos primeiros a tomar conhecimento da infausta notícia e, talvez porque nos anima um temperamento optimista, logo nos demos pressa em vaticinar uma cura mais ou menos rápida. Ali, na nossa frente, na sua casa da Gafanha, estava o Violas, rodeado já dos cuidados dos médicos e, é bom que se saiba, do zelo dos dirigentes do Clube, que foi sempre seu. Mas o guarda-redes de tantos momentos, o homem da serenidade e dos calafrios, não se conformava. Para ele, aquilo não passava duma constipação. Estivera na praia — dizia — com o Calisto e foi o sol... Podia lá ser uma coisa dessas...

Contudo, a ordem do médico era implacável. Repouso absoluto. E o Violas, aos poucos, foi-se conformando, mesmo quando afirmava aos amigos — e muitos eram — que o visitavam: — Eu não tenho nada! Eu posso jogar! Eu não tenho dores!

Meses volvidos — não muitos — o Beira-Mar exibia-se no Estádio de Mário Duarte com o Feirense para abertura da época. Entre as novas aquisições dos amarelos-negros contava-se a presença de dois guarda-redes, o Pais e o Alves Pereira. Era, racionalmente, o afastamento definitivo de Violas. Por casualidade, assistimos ao encontro junto do que foi, certamente, o mais discutido jogador no seu lugar nos últimos anos. Vivemos momentos de ansiedade. Como encararia Violas a substituição? Nós conhecíamo-lo. Sabíamos quanta amargura ia no seu coração de desportista. Permanecemos mudos e quedos. A equipa aveirense entrou no terreno. Lá vinham os citados reforços e os novos guardiões presentes também. Primeiros pontapés, primeiros comentários e, acto contínuo, Violas, sem quase nos olhar, monologou: — Aquela camisola é minha, e aquela também... O médico ainda não me deixa treinar, mas... para o meio da época — prosseguiu — o lugar

Continua na página 6

PROGRAMA da FESTA

A Festa de Homenagem a Violas principiará amanhã, às 13.30 horas, incluindo, a abrir e a fechar o programa, desafios de futebol.

Primeiramente, jogam os grupos populares DESPORTIVO DA GAFANHA e SPORTING QUINTAGOENSE. O outro prélio oporá as equipas de honra do DESPORTIVO DA C. U. F. e do BEIRA-MAR.

Haverá, ainda, uma largada de pombos-correios das sociedades columbófilas de Aveiro, Esgueira e Gafanha, e uma parada desportiva dos clubes do Distrito, em que estarão presentes representações das seguintes colectividades: Académica de Espinho, Alba, Atlético Vareiro, Clube Naval de Aveiro, Esgueira, Espinho, Estarreja, Feirense, Galitos, Illiabum, Lusitânia, Oliveira do Bairro, Oliveirense, Ovarense, Recreio de A'gueda, Recreio Artístico, Sangalhos, Sanjoanense, Sporting de Aveiro, União de Lamas e Vista-Alegre.

Ao longo de dez anos de actividade, Violas realizou mais de três centenas de jogos oficiais, somando diversos títulos regionais e nacionais. Exemplarmente correcto, ganhou jus à Medalha de Mérito Desportivo, que a Federação Portuguesa de Futebol lhe atribuiu e amanhã lhe será entregue.

O elogio de Violas, que, na sua dedicacão pelo Beira-Mar, ainda representou o popular clube em andebol, será feito pelo Dr. David Cristo, Director do LITORAL e Vice-presidente da Associação de Futebol de Aveiro.

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

Com toda a regularidade, a prova em epígrafe tem vindo a seguir o seu curso. Todavia, o torneio não decorre sob os melhores auspícios, já que tem dado ensejo a factos insólitos e deveras lamentáveis, autênticamente antí-se dos princípios que devem nortear as competições desportivas. No sábado, em Estarreja, houve *sururu* no jogo Amoníaco-Galitos, o mesmo acontecendo na terça-feira, em Águeda, na partida Recreio-Galitos.

Pedras arremessadas para o campo, luzes apagadas, jogo suspenso (Estarreja); e expulsão, apupos e automóvel apedrejado (Agueda) — de tudo se verificou, infelizmente. E bom será que não voltem a repetir-se tais casos, deveras aborrecidos e desprestigiantes.

Para já, a Associação de Basquetebol de Aveiro interditou o campo de Estarreja até final de um inquérito a que se está a proceder, e convocou para segunda-feira uma reunião extraordinária, para apreciar as ocorrências de Agueda.

De resto, há que assinalar ainda que o sangalhense Portugal foi suspenso por um jogo, por haver sido desqualificado no prélio Sangalhos — Illiabum, e o facto do Galitos, do Esgueira e da Sanjoanense protestaram os resultados das suas partidas com o Amoníaco, o Illiabum e o Amoníaco, respectivamente..

A seguir, a habitual resenha dos desafios realizados.

Sangalhos, 50 Illiabum, 13

Jogo no Campo do Colégio. Árbitros — Albano Baptista e Vítor Couto.

Sangalhos — Carmona 0-4, Alexandre 1-8, Alberto 4-2, Valdemar 15-3, Amândio 4-5, Arménio 0-2, Portugal, Farate 0-2, Afonso e Carlos.

Illiabum — Pessoa, Vinagre 2-0, Elmano 3-0, Rosa Novo 2-2, Cachim 0-2, Narsindo, Élio, Júlio 2-0, João Pedro e Coelho.

1.ª parte: 24-9. 2.ª parte: 26-4.

Os campeões distritais venceram folgadamente, com o seu quê de surpresa, dado que a turma de Ílhavo tradicionalmente alcança melhores resultados na Bairrada.

Porém, desta vez, uma actuação menos certa (decepcionante mesmo) do Illiabum permitiu que o Sangalhos desse expressão ao desfecho vitorioso que construiu.

Sanjoanense, 32 Cucujães, 27

Jogo no Pavilhão dos Desportos. Árbitros — Carlos Neiva e Manuel Arroja.

Sanjoanense — Tavares 2-0, Aureliano 1-0, Costa, Manuel Pinho 12-15, Carlos Silva e Sadi 0-2.

Continua na página 6

JUDO

Procurando corresponder ao interesse manifestado por parte dos seus sócios e no intuito de se tornar ainda mais eclético, o Sporting de Aveiro envida os melhores esforços no sentido de promover em Aveiro um curso de JUDO; para o efeito, entrou em contacto com um categorizado professor francês.

O êxito da iniciativa depende, agora, do número de inscrições para o aludido curso que, compreensìvelmente, implicará enormes despesas. Têm, portanto a palavra os judocas aveirenses, que, para se inscreverem e para outras informações, devem dirigir-se à sede do Sporting de Aveiro, todos os dias úteis, a partir das 21.30 horas.

EVOCAÇÕES

Faz depois de amanhã cem anos que nas Câmaras dos Pares e dos Deputados foram prestadas as mais sentidas homenagens à memória de José Estêvão Coelho de Magalhães, cujo funeral, realizado em Lisboa momentos depois, constituiu uma extraordinária manifestação de pesar.

O grande orador e egrégio aveirense havia falecido na véspera, 4 de Novembro de 1862, e a notícia da sua morte, ràpidamente espalhada, causou por toda a parte a mais profunda e dolorosa impressão.

O dia 4 de Novembro ficou assinalado no calendário aveirense por esta perda irremediável — como antes o estava pelo nascimento, em 1772, do famoso cientista João Jacinto de Magalhães, que veio a professor na Congregação dos Cónegos Regrantas de Santo Agostinho, no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, e que, secularizado, se fixou em Inglaterra, tornando-se insigne pelo saber, pela independência de espírito e pela nobreza de carácter.

Singular coincidência, esta: a do nascimento e a do falecimento, em igual dia, de dois aveirenses insignes, do mesmo apelido, ambas pessoas de excepcional envergadura intelectual e moral, o primeiro um dos mais considerados cientistas do século XVIII, o segundo um dos mais conhecidos oradores parlamentares do século XIX, admirados em todo o mundo culto!

Evocamos sentidamente os dois ínclitos aveirenses, que tanto honraram a sua terra e o país.

NO MUNDO DO PROGRESSO, DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA

UM ARTIGO DE M. LOPES RODRIGUES

NÃO podemos contestar que atravessamos um extraordinário período histórico relativamente ao progresso da ciência e da técnica. E o avanço das suas manifestações positivas operou-se de tal maneira, que a mentalidade humana muitas vezes se perturba, espantada e assombrada, na congeminação estática das metamorfoses e do imprevisível.

Os satélites e os homens giram em órbita, e as ondas espaciais demandam, a velocidades vertiginosas, os páramos etéreos que até hoje só podiam situar-se no âmbito do inatingível e da concepção do infinito.

Acelera-se, assim, o progresso, apressam-se as condições de vida e novos processos se apresentam a influir no homem e na sociedade.

A' luz destas realidades, e porque somos seres dotados de faculdades de raciocínio e discernimento, impróprio não é que nos quedemos a apreciar, a reflectir sobre alguns aspectos destas condições e processos, determinando-lhes, nem que seja por mera hipótese, as suas consequências e directrizes.

Mercê dos benefícios trazidos pela máquina e pelos resultados das ciências aplicadas, verificamos que o homem se vai libertando de muitos serviços pesados e ingratos que até aqui se lhe impunham, da mesma maneira que a mulher se vai aliviando e desobrigando, cada vez mais, de muitas e árduas tarefas, profissionais e domésticas, que a sacrificavam e escravizavam.

O condutor da locomotiva já não é o homem negro, aquele homem sujo do carvão e dos óleos, incòmodamente postado diante dos mostradores do vapor ou a esfalfar-se no arremesso de pàzadas de combustível para alimentar a fornalha das caldeiras, mas é já o técnico que vigia o quadrante na mesa dos controles; o agricultor tem já ao seu dispor a possibilidade de se furtar a inúmeros trabalhos que constituíam a condição miserável do seu ofício, e não tardará, certamente, que o camponês, ou o trabalhador rural, viva como um empregado que tem a vantagem de trabalhar ao ar livre e se encoste pela noite numa casa onde não falte aconchego e conforto.

Os mineiros — os homens das profundidades infernais —, os siderúrgicos, quer os que crestam a pele na ordência do calor terrível dos fornos e dos cadinhos, quer os que soldam as construções mecânicas dos tectos ou as arcarias de perigosas cúpulas de alturas estonteantes, estão condenados a desaparecer, e, a par destas, outras mais rudes tarefas se integram a beneficiar da aliciante e sedutora generosidade do dia de amanhã.

Ao atentar nesta situação, aliás inevitável, há quem lamente a perda de muitas coisas em que o homem se aplicava e donde resultava a sua sobrevivência. Está, por exemplo, neste caso, o desaparecimento dos artesãos. Ora a verdade é que esta lamentação só pode ser hoje considerada como reflexo de uma sensibilidade sentimental, porquanto o mundo técnico, ao contrário do que possam julgar os espíritos no presente ainda pouco evoluídos, ou demasiado afeiçoados a conservantismos, já caducos por ultrapassados, não destrói o

Continua na página 2

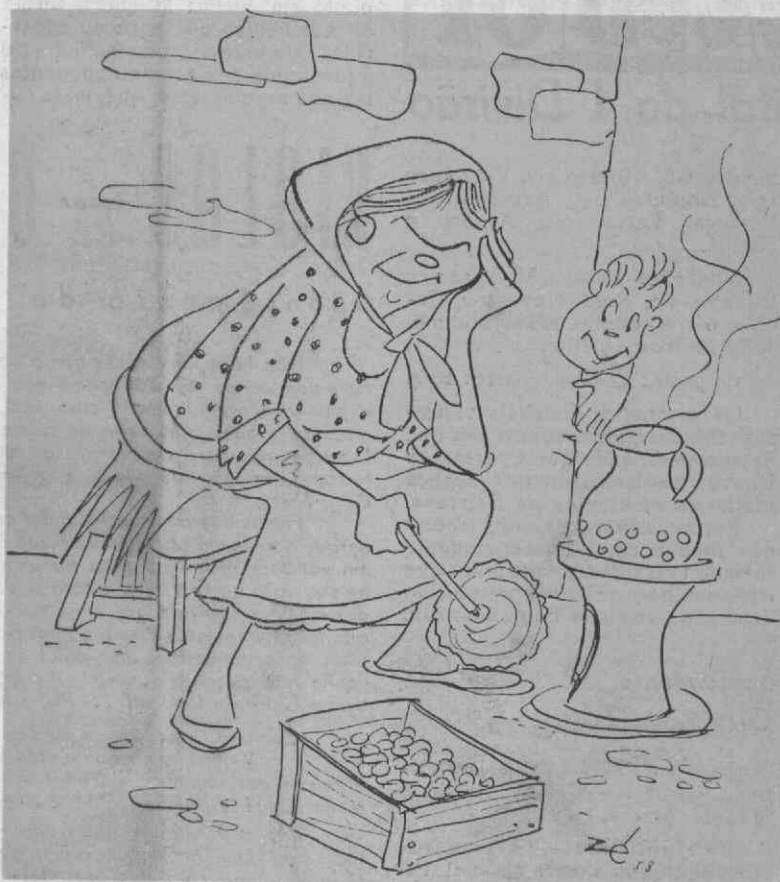
SECÇÃO DE JORGE MENDES LEAL

QUANDO da recente exibição entre nós dum célebre futebolista — endeusada criatura que arrasta atrás de si espessas multidões delirantes e cabazes e cabazes de louvaminhentos críticos —, o locutor brasileiro que relatava o desafio apelou desesperadamente para os filólogos do seu país: «Arranjem mais adjectivos para Pelé!».

O episódio, embora curioso, não deve ter provocado admiração de maior no pacato indígena português, há muito habituado a gozar a desembaraçada maneira como os nossos locutores e periodistas resolvem idênticos problemas. Porque os Pelés abundam em Portugal. Não os do chute, os que subiram ao poleiro da fama através de sensacionais correrias na relva lisa dos estádios; mas os outros — aqueles que, para consumirem adjectivação larga e de excelsa qualidade, não carecem sequer de rebentar o pulmão e esfalfar a perna à cata de uma bola. Julgamos despiciendo identificar os sujeitos. Noticiário aqui, entrevista ali, fotografia acolá, eles progridem alegre e mansamente, de pantufas, derrotando os pífios adversários à custa do drible mais repousado e fácil que possamos conceber. Toda a gente os conhece.

Ao fim e ao cabo, trata-se de bons rapazes e esplêndidas raparigas, quantas vezes até de indivíduos muito cristãos, muito sérios. E, por isso, a culpa vai inteirinha para os escribas de pacotilha e os radiopalradores de algibeira, que, sequiosos de assunto, esgotados de imaginação, trôpegos de ideias, vazios de senso comum, se dedicam ao fabrico indiscriminado e caseiro de idolozitos.

Tudo se resume em aplicar, sobre um necessário cretinismo de base, certos ingredientes mágicos do êxito. Os manipuladores da mistela, frequentemente considerados brilhantes pessoas, são um pouco como a bruxa de aldeia que vive parasitàriamente da crendice popular, ou o prestidigitador de feira que esconde meio baralho no sovaco — exploram sorridentemente a doce incultura do povo. E daí o proliferar daquilo a que chamaremos a versão lusitana do Pelé: as amálias e os amálios. Mas a «élite» dos super-adjectivados, dos constante e espectacularmente lambidos, não se confina ao reino exíguo da viola, nem tão-sòmente se exprime nos cediços tremeliques do velho fado pseudo-castiço. Amálias e amálios há-os por toda a parte e em todas as profissões, acontecendo até que os mais deles, em boa verdade, não são de banda alguma nem têm ofício algum. Existem fundamentalmente na fantasiosa cabeça dos imbecis que os cantam, os arremedam, os bajulam, os entronizam, os adoram,

Continua na página 2

Elas aí estão, as saborosas castanhas assadas — quentes e boas!... — frutos que na presente quadra se oferecem às bolsas dos ricos e dos pobres, nos tão característicos pregões que ressoam pelas ruas.

QUENTES E BOAS!... — é também a legenda que se ajusta ao expressivo desenho de ZÉ PENICHEIRO e à feliz fotografia de AFONSO DA COSTA MOREIRA, que hoje trazemos a esta página.

LITORAL + Aveiro, 3-XI-1962 + N.º 419 + AVENÇA